

*Recortes históricos*

## **Hospital Psiquiátrico Juqueri Fecha os Leitos de Longa Permanência Da alienação à libertação, são 123 anos de história – a longa transição da saúde mental no estado de São Paulo**

### *Juqueri Psychiatric Hospital Closes Long-stayed Beds*

### *From alienation to liberation, there are 123 years of history - the long transition from mental health in the State of São Paulo*

**Mirsa Delossi, assessora para Saúde Mental da Secretaria de Estado da Saúde**

*Em abril comemora-se, no dia 7, o Dia Mundial da Saúde e, no dia 6, 20 anos da promulgação da Lei da Reforma Psiquiátrica Brasileira (Lei 2016, de 06/04/2001). Agora, temos mais um motivo para comemorar: no dia 01 de abril desse ano, saíram do Juqueri os últimos nove pacientes moradores (das assim classificadas internações de longa permanência). Essas pessoas foram morar em casas na cidade, em Residências Terapêuticas.*



### **Histórico da instituição**

#### **De 1895 a 1970**

#### **Franco da Rocha idealiza o Hospital Colônia, seguindo modelo europeu**

A construção de um Hospital Colônia Agrícola atendeu a um pedido do Presidente da Província de São Paulo, feito ao médico Francisco Franco da Rocha. Pretendia ser um asilo para alienados, longe do centro da Capital da Província. Franco da Rocha tomou, então, o trem da estrada de ferro

São Paulo *Railway*, construída nos moldes ingleses, e desceu na Estação Juqueri, inaugurada em 1888. Ali, decidiu-se por implantar o asilo, hospital colônia agrícola para “alienados”.

O prédio do Juqueri começou a ser construído em 1895, com projeto do arquiteto Ramos de Azevedo. Está situado no Vale do Rio Juqueri, próximo à Serra da Cantareira. Foi inaugurado por Franco da Rocha em 1898.

Conta a história que, antes dessa inauguração, havia um hospital para alienados

na "ruazinha", chamada São João (hoje, Av. São João), que incomodava a vizinhança, na medida que a Capital se expandia. Esse hospital foi transferido para a Ladeira Tabatinguera, até que a mesma expansão das casas exigiu a mudança para outro local, distante da Capital. É neste momento que Franco da Rocha entra em cena e encontra o lugar ideal, no Vale do Rio Juqueri.

A aprovação desse lugar e da construção de um macro hospital passou por reunião dos Conselheiros da Província, quando perguntaram a Franco da Rocha se não era melhor construir vários hospitais menores ao invés de um grande hospital, num único lugar.

Inspirado no modelo europeu, Franco da Rocha defendeu o hospital colônia agrícola, cujo tratamento incluía o trabalho como terapia (laborterapia), obtendo sua aprovação. A princípio, era para receber até 800 pacientes, mas com o tempo foi aumentando cada vez mais esse número... Em algum momento, antes de sua morte (08/11/1933), aos 69 anos, Franco da Rocha teria pensado se os Conselheiros não tinham razão... Na década de 1970, o Juqueri chegou a ter cerca de 16 mil pacientes moradores...

Franco da Rocha sempre buscou conhecer os avanços da medicina na Europa para sustentar sua prática. Assim, além da psiquiatria, em 1927, apoiou a iniciativa da criação da primeira instituição latino-americana de psicanálise – a Sociedade Brasileira de Psicanálise – junto com seu aluno Durval Marcondes. Essa correspondência continuou com os seus sucessores e, hoje, encontramos nos arquivos do Juqueri uma carta de Freud endereçada ao médico Osório César (1895-1979) elogiando os seus trabalhos

desenvolvidos e publicados em "Memórias do Hospital Juquery". Freud, nessa carta, propôs publicá-los na revista IMAGO\*. Osório César, nos 40 anos que trabalhou no Juqueri, permitiu a expressão e a produção artísticas dos pacientes, humanizando o tratamento e contrapondo-se aos métodos agressivos utilizados, criando inclusive, em 1925, a escola livre de artes plásticas, tendo influenciado, na temática social, a obra de Tarsila do Amaral, sua esposa. Em 1985, recebeu homenagem póstuma, com a criação do Museu Osório César, no Juqueri, onde se encontra um rico acervo das obras produzidas pelos pacientes.

Com a saída dos nove últimos "pacientes moradores", no dia 1 de abril de 2021, encerrou-se a história de 123 anos, onde a exclusão social silenciou as habilidades, motivou a perda dos laços familiares e afetivos, tirou o direito à liberdade, resultados das internações de longa permanência, que terminaram, para muitos, apenas pelos óbitos.

## DE 1970 A 2001

### Expansão e redução de "pacientes moradores", tombamento pelo CONDEPHAAT e Franco Basaglia influencia a Reforma Psiquiátrica brasileira

Pelo gráfico abaixo, pode-se ver a progressão do número de pacientes do Juqueri até o final da década de 1970, quando houve milhares de transferências para outros hospitais psiquiátricos que foram abertos no estado de São Paulo, chegando a ultrapassar mais de 100 instituições.

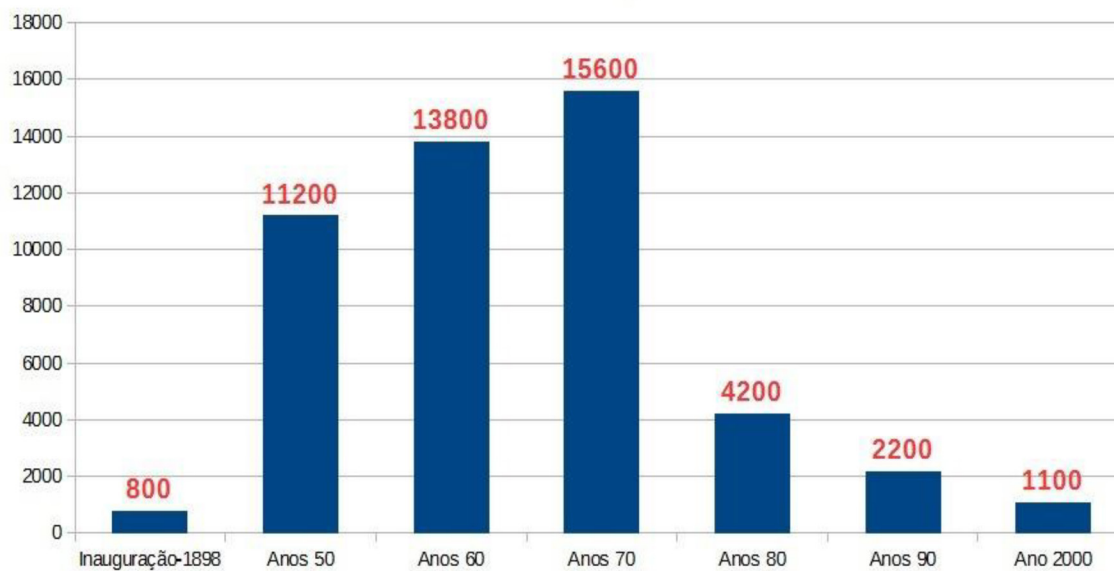
Núcleo de Informações-Diretoria Técnica do CHJ.

\*Uma das primeiras revistas de psicanálise, fundada pelo jurista e psicanalista Hanns Sachs, Sigmund Freud e Otto Rank, em janeiro de 1912.



## COMPLEXO HOSPITALAR DO JUQUERY

PACIENTES - JUQUERY



Entre as décadas dos anos de 1970-1980, a redução do número de pacientes passou de 11 mil, chegando a 4.200 e, assim sucessivamente, o Juqueri chegou nos anos 2000, a ter 1.100 pacientes.

A saída de tantos “pacientes moradores” esvaziou muitos espaços do Juqueri, cuja ocupação foi e está sendo revitalizada com a instalação de outros serviços. Os espaços estão sendo repensados para atividades educacionais, inclusive na direção da memória, como é o projeto do Museu Franco da Rocha. Assim, respeita-se a Resolução SC-13 do CONDEPHAAT, publicada em 09 de março de 2011, que determinou o tombamento do Complexo Hospitalar do Juqueri como “bem cultural, valor histórico, arquitetônico-urbanístico e paisagístico.”

Na década de 1980, dá-se a expansão da Rede Extra Hospitalar, com a implantação, pela Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo (SES\_SP) de 12 Ambulatórios Regionais de Saúde Mental, com uma equipe multiprofissional, composta por psiquiatras, enfermeiros, psicólogos, terapeutas ocupacionais, assistentes sociais, auxiliares de enfermagem e funcionários administrativos. Na atenção primária, pela primeira vez, contratou-se “equipes mínimas” de Saúde Mental, para 110 Centros de Saúde, compostas por um psiquiatra, um psicólogo e um assistente social.

A partir do trabalho dessa Rede Extra Hospitalar, muitas internações foram evitadas pois o hospital psiquiátrico deixou de ser o único recurso para o tratamento do sofrimento psíquico.

Na segunda metade dos anos 1980, a Secretaria de Estado da Saúde inaugurou, em 12 de março de 1987, no município de São Paulo, o primeiro Centro de Atenção Psicossocial do Brasil-CAPS “Luiz da Rocha Cerqueira”, na Rua Itapeva, atrás do Museu de Arte de São Paulo (Masp).

No Juqueri, desde o final dos anos 1970 até 1990, uma equipe técnica desenvolveu um trabalho de humanização, transferindo vários pacientes moradores dos pavilhões para os Lares Abrigados, casas situadas no terreno do hospital, antes usadas como moradias de funcionários. Assim, foi possível recuperar suas habilidades, passear na cidade, iniciando uma reinserção social monitorada pelos técnicos, como um movimento precursor das futuras Residências Terapêuticas. Uma dessas mulheres, jovem e alfabetizada, chamou atenção, pois já ia sozinha à cidade e conseguiu um emprego num mercado, recebendo salário e comprando seus objetos pessoais...

Os moradores dos Lares Abrigados não tinham a alta hospitalar, permaneciam como internados, mas suas camas já não estavam mais nas enfermarias dos pavilhões.

Essa experiência foi desenvolvida em outros hospitais psiquiátricos públicos no interior do estado de São Paulo. Em Ribeirão Preto, no Hospital Santa Tereza, alguns dos Lares Abrigados foram transferidos para casas na cidade, fora do território do hospital. A experiência de Ribeirão Preto implantou essas casas como “Pensões Protegidas”, em parceria com uma ONG, dando alta hospitalar para seus moradores. A primeira foi inaugurada em 21 de setembro de 1992, com quatro mulheres. Essa experiência levou a Câmara de Vereadores de Ribeirão Preto a aprovar,

em 1998, por unanimidade, uma lei municipal que reservou 10% das casas construídas pela COHAB para os ex-moradores do Hospital Santa Tereza. Dez desses ex-moradores conseguiram mudar para cinco dessas casas. Hoje, no município de Ribeirão Preto há dez Residências Terapêuticas, onde residem 81 moradores.

Alguns hospitais psiquiátricos privados ou filantrópicos conveniados também promoveram a reinserção social de “pacientes moradoreS” que foram morar em casas na cidade, monitorados por funcionários. É o caso das cidades de Campinas, de Santos e de Sorocaba. Em Santos, a Casa de Saúde Anchieta, um hospital psiquiátrico privado, recebeu uma intervenção municipal que possibilitou, ainda na década de 1980, a implantação d’A CASA, na cidade, que abrigou ex-moradores do hospital, devolvendo-lhes o direito de ir e vir. Assim, duas mulheres que recobram suas habilidades culinárias, monitoradas por uma técnica, faziam salgadinhos e os vendiam na praia. Após alguns dias de monitoramento, elas já faziam tudo sozinhas. Certo dia, elas demoraram voltar para casa, para a aflição da monitora que as aguardava. Quando, enfim, chegaram e lhes perguntaram sobre a demora, responderam: “Depois de trabalhar vendendo os bolinhos, fomos dar uma volta e andar na praia”.

No início dos anos 1900, o reconhecimento e aproveitamento, pelos médicos do Juqueri, do tratamento dispensado aos “alienados” na Europa não impediu que o Juqueri se transformasse, ao longo do tempo, num lugar de exclusão social para milhares de pessoas.

Na década de 1970, as experiências da Europa continuaram influenciando o

movimento da reforma psiquiátrica brasileira. Em especial, a Reforma Psiquiátrica Italiana, com a Lei 180-1978, conhecida como a “Lei Basaglia”, obteve o reconhecimento e credenciamento do Serviço Psiquiátrico de Trieste, pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como referência mundial para a reformulação da assistência em saúde mental. O psiquiatra italiano Franco Basaglia, responsável pela criação desse Serviço veio ao Brasil, em 1979, onde fez seminários e conferências em Belo Horizonte, Rio de Janeiro e em São Paulo.

## DE 2001 A 2021

### **Promulgada a lei da Reforma Psiquiátrica, regulamentadas as Residências Terapêuticas**

Em 2001, com a promulgação da Lei 10216, conhecida como a Lei da Reforma Psiquiátrica no Brasil, foram regulamentadas as Residências Terapêuticas (SRT-Serviços Residenciais Terapêuticos). Os municípios passaram a receber incentivo financeiro para implantação e custeio mensal do Ministério da Saúde, facilitando a abertura desse serviço. A Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo também financiou essa implantação, liberando recursos de incentivo e custeio mensal, por seis meses, para apoiar os municípios, enquanto estes aguardavam a tramitação dos processos de credenciamento e homologação do Ministério da Saúde, necessários à liberação.

Em 2008, a SES-SP realizou O Censo Psicossocial dos Moradores em Hospitais Psiquiátricos no Estado de São Paulo – Desafios Para a Desinstitucionalização, cujo

Relatório demonstrou que não se tratava de só desospitalizar os “pacientes moradores”, mas de devolver-lhes o direito de morar na cidade, receber os cuidados em liberdade, na comunidade. Esse Censo apontou a existência de 6.349 “pacientes moradores” (pessoas com 01 ano ou mais de internação), encontrados em 58 hospitais, localizados em 38 municípios. Dentre esses moradores, 282 estavam no Juqueri.

Em 2012, foi assinado o Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), pelos Municípios de Sorocaba, Salto de Pirapora e Piedade, pela Secretaria de Estado da Saúde, pelo Ministério da Saúde, pelo Ministério Público Estadual (MPE) e Ministério Público Federal (MPF), com o compromisso de promover a desinstitucionalização de todos os “pacientes moradores” dos sete hospitais psiquiátricos.

A Região de Sorocaba chegou a ter 11 hospitais psiquiátricos, tornando-se um polo de grande concentração de leitos psiquiátricos. Em 2008, havia 7 hospitais: 4 em Sorocaba, 2 em Salto de Pirapora e 1 em Piedade, com um total de 2219 moradores.

Em 2014, a Secretaria de Estado da Saúde realizou um segundo Censo Psicossocial no Estado de São Paulo, em 53 hospitais psiquiátricos, encontrando 4439 “pacientes moradores”. Em 6 anos, entre os Censos de 2008 e 2014, houve 739 altas para Residências Terapêuticas e o fechamento de 5 hospitais psiquiátricos. Dentre esses 4439 “pacientes moradores”, 1.600 estavam internados em hospitais da Região de Sorocaba e 140, no Juqueri. Desses últimos 140, entre os anos de 2014 e 2021, 93 foram para Residências Terapêuticas, acolhidos em 25 municípios,



incluindo-se aí, o município de Franco da Rocha, com 2 Residências Terapêuticas, onde residem 17 pessoas. Entre esses municípios, Guareí destacou-se por, ao se sensibilizar com a causa da Desinstitucionalização, ter implantado uma Residência Terapêutica Solidária exclusiva, pois não possuía nenhum “paciente morador” internado em hospital psiquiátrico. O mesmo aconteceu com os municípios de Cedral e Guapiaçu, na Região de Presidente Prudente. Outros municípios, também, ofereceram algumas vagas solidárias, para aqueles que tinham procedência desconhecida. Quando os indicados conseguiam expressar sua vontade de ir para uma determinada Residência Terapêutica, especialmente se tinham laços afetivos desenvolvidos em anos de internação, seus desejos eram respeitados. As equipes responsáveis pela Desinstitucionalização têm como prática atender essas demandas e não violentar esses laços.

Em 30 de outubro de 2018, “saiu de alta” o último “paciente morador” do último hospital psiquiátrico da Região de Sorocaba. Esta Região possui 48 Municípios, dos quais 30 implantaram Residências Terapêuticas, acolhendo um total de 407 moradores. Destes 407, 334 estão acolhidos em 40 casas em Sorocaba, colocando-se como o segundo município com maior número de Residências Terapêuticas implantadas no estado de São Paulo. O primeiro é São Paulo, Capital, com 72 casas, onde residem 655 moradores.

No estado de São Paulo, o número de Residências Terapêuticas ultrapassa 350 casas, distribuídas em 118 municípios, onde moram aproximadamente 3100 moradores. A RAPS- Rede de Atenção à Saúde Mental continua se

expandindo, especialmente com a implantação de novos CAPS-Centro de Atenção Psicossocial e Residências Terapêuticas, garantindo a reabilitação psicossocial dos usuários, o cuidado em liberdade, na comunidade.

Ainda estão internados aproximadamente 1 mil “pacientes moradores”, em 30 hospitais psiquiátricos, no estado de São Paulo. Todos, e cada um, aguardam a possibilidade de, pelos “Caminhos para a Desinstitucionalização”, “Viver na cidade, habitar uma casa, respirar liberdade”.

*Nota do editor: A psicóloga Dra. Mirsa Elisabeth Dellosi é importante liderança na Luta Antimanicomial do país. Conduziu a realização do Censo Psicossocial dos Moradores em Hospitais Psiquiátricos no Estado de São Paulo que deu início à desinstitucionalização dessas pessoas e condução para as Residências Terapêuticas, o que significou a oportunidade de nova vida inseridas na comunidade.*





Foto: arquivos IBGE



Foto: arquivos Alesp





Foto: Vitoria Dias



Foto: Vitoria Dias